

Percursos de Vida

Licenciatura

Quando concluí a minha licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas na Universidade Nova de Lisboa, em 1983, entrei na Universidade do Minho, em Braga, como professora de Literatura.

Primeira paixão Literária

Mal cheguei à universidade do Minho, jovem, rebelde e amante de todos os espíritos virulentos e cáusticos, perdi-me de amores pelo escritor **L.F.Céline**, aliás, por uma obra deste autor, *Viagem ao fim da noite*, um dos romances europeus mais marcantes do século XX.

Estadia em França

De forma a conhecer melhor a pátria da revolução francesa e os seus espíritos aguerridos, como Céline, fiz as malas e viajei para a terra dos gauleses, onde vivi três anos, de 1990 e 1993.

Escolhi a cidade Nantes, pátria de Jules Verne, na confluência da Bretanha e de Anjou. Nesta cidade portuária tornei-me uma *gourmet*, o que acontece a muito boa gente no país que se vangloria de ter um maior número de queijos do que de dias do ano.

O pecado da gula valeu-me uns quilos a mais, indispensáveis para suportar as agruras inerentes à redacção de uma tese de doutoramento (**LINK1**).

De regresso a Portugal

Regressei a Portugal e a desfiguração da paisagem do meu país, da paisagem natural e urbana, deixou-me à beira de uma crise de nervos. Portugal desfigurava-se dia a dia, sob o motor furioso de milhares de gruas que colocavam prédios hediondos e estradas inúteis em qualquer sítio, em qualquer lugar, à revelia de todo o gosto e bom senso.

A beleza do meu país era dia a dia estrangulada sob o olhar cúmplice de muitos que agora vociferam contra a Troika.

Tinha escrito uma tese sobre *A Viagem ao fim da noite* (**LINK2; LINK3 net**), e agora estava a assistir a uma viagem igualmente sombria, cujas consequências seriam claramente dramáticas, para quem estivesse realmente disposto a ver.

Jornalismo e Associativismo

Comecei a escrever no jornal local de Braga, *Diário do Minho*, alertando para o caos urbanístico. Escrevi neste diário entre 1995 e 1997.

Em 2001 integrei a Associação dos Cidadãos Auto-Moblizados e demos início a uma série de iniciativas, sobretudo contra as horríveis passagens aéreas que desfiguram de forma brutal o centro da cidade.

De Céline a Cervantes

Concluída a tese de doutoramento senti-me esgotada. Como diz Diderot, só os maus livros são inocentes, e o romance *Morte a Crédito*, de Céline, objecto de análise desta tese, foi uma segunda etapa da viagem ao fim da noite, uma viagem que em muitos momentos mais se parecia com uma batalha. E como em qualquer batalha, o risco de ficar depenado é grande....

Temendo ficar depenada, decidi ir à procura de novos ares, novos caminhos: por que não uma viagem ao começo da vida?

Deu-se, nesse momento, o maior *coup de foudre* da minha vida: o **D.Quixote de Cervantes**.

Leitor, cuidado, os livros são perigosos e isto de ler tem muito que se lhe diga: gera paixões, ciúmes, simpatias, antipatias, amores e fanatismos, um monte de problemas...

Escrita romanesca e espartilhos académicos

Quando a paixão é intensa, ela rebenta pelas costuras. De forma a aliviar a tensão acumulada, escrevi o livro ***Da impossibilidade de viver sem ter lido o D.Quixote*** ([LINK4](#))

A escrever este livro percebi que o meu espírito sofria imenso com o espartilho da escrita e do espírito académico.

Além do horror que tenho a espartilhos, que me sufocam e provocam asma- doença que sofri até conseguir arrumar com todos os espartilhos no lixo- persistir no caminho académico com as suas exigentes notas de rodapé perturbava algumas das minhas convicções.

Uma delas é esta: depois dos quarenta não temos de dar provas a ninguém a não ser a nós próprios. A ideia de ter de me sentar mais uma vez no banco dos réus para prestar provas sobre o meu saber afigurava-se algo de contrário à adulta que queria ser, a todo o custo.

Esta minha convicção partiu de um escritor, como quase todas as grandes convicções da minha vida, neste caso de uma escritora: **Agustina Bessa Luís**. Diz ela que *quando a obra nos ocupa desleixa-se a carreira*. E de que obra se trata? Da vida, com as suas ninharias saborosas.

E esta frase lembra-me uma das célebres máximas de **Oscar Wilde**: põe na tua vida todo o teu génio e na obra só o talento

Confesso: Sou uma Casanova Literária

Para além de Cervantes, tenho outras paixões arrebatadoras. Em matéria literária sou uma prodigiosa aventureira, totalmente insaciável. Por isso, na Universidade, nunca me fechei em especialidades e fui sempre trabalhando e ensinando os autores que me ensinaram a viver: Kafka, Vila-Matas, Gogol, Maupassant, Melville, Flaubert, Proust, Homero, Ovídio e tantos, tantos outros.

Molière é um destes, as farsas, as comédias, *O Avaro*, o *Misanthropo*, o *Cornudo Imaginário* e, sobretudo, o *Dom Juan*.

Sou, assumo-o, uma verdadeira Casanova literária: passo de um para outro autor com ânsias e suspiros dignos de uma adolescente que já não sou. A propósito, nasci em 1958, podem ver como tudo isto é um pouco infantil ... mas em matéria literária a carne é fraca ... e sempre jovem.

Desta vez, subjugada pela prodigiosa força donjuanesca, fui obrigada a exorcizá-la como pude. Escrevi então ***Quando Marinela Salero Cortez decidiu imitar Dom Juan-*** (**LINK 5 net; LINK6**).

Viagem a Itália

Sou, também, uma cinéfila, amante de cinema italiano e uma fã da *Viagem a Itália* de Rossellini, um dos meus filmes de travesseiro (**LINK 7; link8**).

Entretanto, entre muitas e muitas outras paixonecas, que seria impossível e fastidioso enumerar, surgiu o príncipe dos príncipes: **Italo Calvino**. Desta vez, o meu amante levou-me até Itália.

Vivi em Itália alguns meses do ano de 2007 (em Bolonha), onde aprendi Italiano, um pouco mais de literatura italiana e fiz as habituais rotas perigrinantes: os lugares onde nasceu, onde escreveu, onde viveu. Porque o amor é ávido e canibal...

Quando estava a viver na pátria dos tortellinis e das lasanhas, um livro de Calvino, *O dia de um escrutinador*, reteve a minha atenção.

O livro conta as aventuras de Amerigo, um intelectual comunista chegado, em 1961, ao Cottolengo de Turim - uma instituição de caridade que albergava pobres, deficientes, doentes mentais e toda a espécie de abandonados à sorte- para ajudar numa mesa eleitoral. Uma das suas tarefas consistia, como acontece aos que estão numa mesa de voto, em conferir o eleitor a partir da fotografia do cartão. A certa altura, entrou na sala um grupo de freiras e Amerigo deparou com algo surpreendente: as freiras não apresentavam o típico rosto de quem se deixa fotografar- *olhos arregalados, as feições inchadas, um sorriso que não condiz*, neles reconhecendo *a sua própria falta de liberdade diante do olho de vidro que nos transforma em objectos, a sua falta de desprendimento para consigo mesmo, a neurose, a impaciência que prefigura a morte nas fotografias dos vivos. As freiras não: posavam diante da objectiva como se o rosto já não lhes pertencesse: e desse modo saíam perfeitas.*

Li e reli esta passagem intrigante que me obrigou a encarar um dos maiores medos da minha infância: posar para a fotografia.

Medo de ser fotografada

Tive, desde criança, um pavor tremendo em posar para uma fotografia. Sentia um medo, um terror, uma ameaça. Seria, ainda nas palavras de Calvino, *a ânsia, a carga que torna rígidas as faces ao relâmpago do fotógrafo e não nos deixa satisfeitos com o que somos?*

Desejosa de saber de onde teria nascido este pânico, comecei a escrever um romance, ***Câmara de Pandora***, cuja heroína é precisamente uma fotógrafa.

Desta vez viajei um pouco mais por mim própria: foi mais trabalhoso, mas resultou; não descobri a razão do pânico, mas deixei de o ter.

Sempre acreditei que escrever era mais eficaz do que consultar psicólogos, psiquiatras e psicanalistas. (**LINK 9**)

Basta um diário, os resultados são fabulosos, acreditem.

Desgosto

Tenho um grande desgosto: não saber desenhar.

Decidi contorná-lo começando a interessar-me pela História da pintura e das suas relações com a literatura, um permanente objecto de estudo e de interesse até hoje. (**LINK 10**)

Animação Cultural

Foi também algo que sempre me entusiasmou: gerar eventos, criar acontecimentos que reúnam pessoas à volta das quais nascem projectos.

Entre 2002 e 2006 estive à frente do Departamento de Francês da Universidade e aproveitei esta tarefa para me dedicar ao gosto da animação cultural. Espectáculos de música (Luís Madureira), de dança (Boris Vian dançado) de teatro (Sarraute encenada Por Diogo Dória), colóquios sobre os temas mais variados (literatura policial, Napoleão, literatura e cinema, o Humor, etc) e conferências (Lipovestky, Wolton, Diogo Dória, João Botelho, etc), mobilizaram e entusiasmaram alunos e professores. (**LINK 11**)

Mudança de vida: evitar o bolor e o SBN.

Entretanto os anos passaram: à primavera seguiu-se o verão, ao verão o outono, ao outono o inverno, e eu, no meio de tantas estações sempre a rodarem à volta do mesmo, acabei um dia por me lembrar das palavras do meu primeiro amor, L.F. Céline: *quando ficamos muito tempo num sítio, começamos a apodrecer.*

Gostando tanto da vida e temendo mais a putrefacção que o diabo a cruz, percebi que corria perigo. Entrar todos os dias no mesmo local de trabalho, nas mesmas salas de aula e falar com os mesmos colegas ameaçava bolorizar-me.

Lembram-se daquele cheirinho de naftalina que havia nos baús das nossas avós, hoje substituído por alfazema?

Pois um dia tive esta visão: eu a decompor-me e a tresandar a naftalina, a que me agarrava como náufraga à tábua de salvação.

Quer, agora, o Estado, que os professores ensinem até esgotarem o stock de naftalina.

Além disto, quer transformá-los em burocratas cinzentos ao serviço do SBN: Serviço Bolorcrático Nacional.

Não sei, talvez desta vez precisemos de uma revolução com menos cravos e mais espinhos, ou então cravá-los bem na ferradura.

Como as grandes revoluções têm muitas vezes de partir das pequenas, decidi, em Maio de 2013, abandonar a profissão para me dedicar a outros projectos.

E viva o Nomadismo

O gosto do nomadismo acompanhou-me desde sempre, faz parte do meu imaginário. Talvez porque em criança havia mesmo ao lado da minha casa uma grande comunidade cigana e a sua célebre heroína, Laranja, uma bela cigana que adorava agitar o bairro com motins passionais.

Outras viagens se impõem agora, que ponham o sangue a circular, o corpo a mexer.

Vou seguir estrada fora, em profunda e total imitação da minha mais perene paixão: D.Quixote.

E espero que a minha caravana quixotesca, que dará a volta a Portugal brevemente, se encha de saltimbancos numa viagem *au bout de la vie*.

